

Otimismo com economia é o maior no governo Bolsonaro

Otimismo com economia bate recorde do governo Bolsonaro, diz Datafolha

Expectativas são as mais elevadas desde o início do mandato; 3 em 10 acham que situação melhorou

Douglas Gavras

SÃO PAULO O percentual de eleitores que acham que a situação econômica do país melhorou nos últimos meses igualou o melhor momento do governo de Jair Bolsonaro (PL), e as expectativas positivas para os próximos meses são as mais elevadas desde o início do mandato do presidente, segundo pesquisa Datafolha. O levantamento, realizado entre os dias 20 e 22, também aponta o maior índice dos que consideram a situação pessoal melhorou desde o início da série, em 2015.

A situação econômica do país ficou mais favorável nos últimos meses para 3 em cada 10 eleitores (28%), mesmo índice aferido antes da pandemia, em dezembro de 2019, e a sensação de melhora também vem aumentando ao longo do segundo semestre. Em agosto, 25% viam a trajetória da economia brasileira de forma positiva, e 15% pensavam assim em junho.

Essa percepção otimista, às vésperas das eleições, é maior entre os homens (32%), aqueles com mais anos de estudo (35%) e os mais ricos — com renda familiar acima de dez salários mínimos (46%).

Os eleitores de Bolsonaro têm uma visão mais otimista da economia — 64% veem melhora, ante 59% dos que se sentiam assim em 18 de agosto.

Dos que pretendem votar no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), 7% pensam dessa forma agora, mesmo patamar do mês passado. A percepção positiva subiu, sobretudo, entre os eleitores de Simone Tebet (MDB), que passaram de 9% para 16% no período.

Alguns dados econômicos recentes ajudaram a entender o aumento no número de entrevistados que dizem que a economia teve desempenho melhor — mas é preciso ponderar os efeitos desses indicadores.

Agosto, por exemplo, registrou o segundo mês seguido de deflação medida pelo IPCA, sob efeito do recuo dos preços dos combustíveis. Em 12 meses, a inflação acumulada foi de 8,77% — ante os 10,07% registrados no mês anterior.

Além disso, a inflação do Brasil era a 8ª maior de uma lista das 20 principais economias do mundo. O grupo de alimentação e bebidas continuou em alta, de 0,24% em agosto e de 13,43% em 12 meses. E a inflação da cesta básica, que afeta mais impiedosamente os mais pobres, era de 25,9% em 12 meses, segundo estudo da PUCPR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná).

Do lado do emprego, ainda que a taxa de desocupação tenha recuado para 9,1% no trimestre até julho, o número de trabalhadores informais chegou a 39,3 milhões, de acordo com a Pnad Continua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), divulgada pelo IBGE.

Ao mesmo tempo, segundo o Datafolha, a percepção de piora da economia brasileira chegou a 55% na pesquisa mais recente (eram 54% em agosto). Para 21%, tudo permaneceu igual, e cerca de 1% não soube responder.

Em situação mais frágil no mercado de trabalho, as mulheres sentem mais a piora do país (58%); aqueles com renda familiar mensal de até dois salários mínimos, mais reféns dos aumentos de preços dos alimentos, também (58%). Para os beneficiários do Auxílio Brasil, a sensação de piora é de 55%.

Reportagem recente da Folha apontou que o Brasil chega às eleições de 2022 com uma



Posto de combustíveis em SP; redução nos preços levou a deflação nos últimos dois meses Kevin David - 31.ago.22/AF Press/Agência O Globo

taxa de desemprego mais baixa que há quatro anos, mas com inflação mais elevada.

Quando olham para a sua situação particular, 27% dos entrevistados pelo Datafolha afirmam que ela melhorou nos últimos meses (eram 26% na pesquisa de agosto e 20% na de junho), 33% consideram que ficou igual, e 39% dizem que piorou (ante 42% e 47% nas rodadas anteriores). Já a expectativa de saber quem irá governar o Brasil nos próximos quatro anos faz com que 53% (eram 48% em agosto) acreditem em uma melhora na economia do país, enquanto 14% (já foram 18%) acham que irá piorar e 26% não preveem mudanças significativas — expectativa também é a mais alta desde o início do governo Bolsonaro.

Para os que recebem Auxílio Brasil, o otimismo é de 58%. Na pesquisa, foram feitas 6.754 entrevistas com eleitores com mais de 16 anos, em 343 municípios de todas as regiões do Brasil. A margem de erro para o total da amostra é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Na tentativa de ganhar popularidade entre os mais pobres, o governo Bolsonaro aumentou o benefício do Auxílio Brasil para R\$ 600 às vésperas da eleição. Olhando sobretudo para a classe média, também foi alterada a tributação do ICMS sobre os combustíveis. O presidente, no entanto, permanece estagnado em segundo lugar nas intenções de voto, atrás de Lula.

Na avaliação do economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale, essa sensação de que a economia está melhor para 28% vem dos efeitos causados pela saída da pandemia, sobretudo no setor de serviços, e também por causa do agronegócio, que tem feito a

renda crescer fortemente nos estados em que a atividade agropecuária tem peso maior.

Outros países em que as commodities têm forte peso também estão tendo desempenho melhor neste ano, como Austrália e Arábia Saudita. Não tem nada a ver com política fiscal ou com medidas do governo. De qualquer maneira, essa sensação que se vê em serviços e nos preços de produtos básicos ajuda nessa percepção mais positiva da população", avalia.

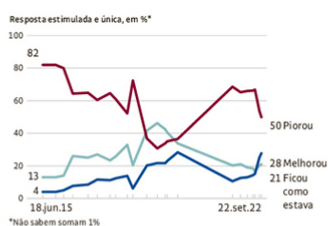
Ele complementa, que apesar do otimismo em relação aos próximos meses, não há garantias de que a sensação de melhora continue a subir, pelo contrário.

"Com juros altos e preços menores de commodities no ano que vem, esse aumento de otimismo não deve se manter. Sozinhos, as medidas estruturais tomadas pelo governo — a falta de estabilidade política e responsabilidade ambiental — não conseguem sustentar o crescimento. E esse governo não tem o que entregar nessas áreas."

Cosmo Donato, economista-sênior da LCA Consultores, acrescenta que, apesar da recuperação em velocidade surpreendente após os piores momentos da pandemia, principalmente pela queda do desemprego e pela alta da demanda por serviços, houve uma piora institucional no manejo do lado fiscal e o governo Bolsonaro também se lembrado pelos dribles no teto de gastos.

"O contexto internacional, que é sempre muito importante para o Brasil, está realmente mais nebuloso. O que vemos é um mundo que cresce menos, com mais inflação e impactos da Guerra da Ucrânia nos preços de commodities, energia e alimentos."

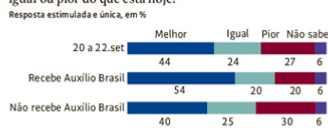
Nos últimos meses, a situação econômica do país mudou?



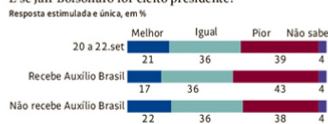
E a sua situação econômica, mudou nos últimos meses?



Se Lula for eleito presidente, a sua vida ficará melhor, igual ou pior do que está hoje?



E se Jair Bolsonaro for eleito presidente?



Fonte: Datafolha presencial com 6.754 pessoas de 16 anos ou mais em 343 municípios de 20 a 22 set.; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE e BR-04.89/2022

Entre os que recebem o Auxílio, 55% afirmam que situação piorou

SÃO PAULO Apesar dos esforços do governo de Jair Bolsonaro (PL) para conquistar votos dos eleitores mais pobres, por meio do aumento do Auxílio Brasil para R\$ 600 às vésperas das eleições, 55% dos eleitores que recebem o benefício afirmam que a situação econômica do país piorou nos últimos meses, segundo pesquisa Datafolha feita de 20 a 22 de setembro.

Mais vulneráveis às altas acumuladas de preços de alimentos e do custo de vida, nesse grupo apenas 21% dizem ter percebido uma melhora do país, e 23% não notaram mudanças.

O instituto ouviu 6.754 eleitores com mais de 16 anos, em 343 municípios. Para o grupo de beneficiários do Auxílio Brasil, a margem de erro é de três pontos percentuais, para mais ou para menos.

Quando avaliam sua situação econômica individual, 46% dos cadastrados no programa também enxergam uma piora, ante os 31% que dizem não ter notado mudanças e os 23% que comemoram uma melhora.

Além disso, o instituto também mediu que 54% dos que recebem o benefício dizem acreditar que a vida ficará melhor, caso o líder nas pesquisas de intenção de voto, Lula retorne à Presidência da República.

O dado da pesquisa também aponta que 20% dos beneficiários não esperam mudanças com o retorno do petista, e outros 20% imaginam que tudo piore.

Entre os que não fazem parte do programa, 40% esperam uma melhora com a volta do petista; 30%, uma piora; 24,5%, que tudo fique como antes.

No caso de eventual novo mandato de Bolsonaro, apenas 17% dos beneficiários esperam uma melhora, 36% dizem que a vida deve ficar igual, e 43% esperam que as coisas piorem.

Quando considerados todos os entrevistados, inscricoes ou não no programa de transferência de renda, a perspectiva de um terceiro mandato de Lula é recebida com otimismo por 43,5%, enquanto 23,5% respondem que não vão mudar como está e 27% tem a avaliação de que deve ficar pior.

Para Bolsonaro, 21% afirmam que a vida irá melhorar, 36% não esperam mudanças e 39% veem mais quatro anos do presidente com pessimismo.

Desde novembro passado, quando substituiu o Bolsa Família — marca dos governos petistas — pelo novo programa, o governo tenta ganhar terreno entre o eleitorado de menor renda.

No fim de julho, a Folha mostrou que 350 mil famílias entram, em média, na lista do Auxílio Brasil por mês, um aumento em relação a 2019, quando eram 200 mil.

Para especialistas, é um reflexo do aumento da pobreza e de interesse dos brasileiros de menor renda que receberam o auxílio emergencial durante a pandemia.

Mesmo com o aumento do benefício para R\$ 600, só 5 das 17 capitais analisadas pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) tinham nesta básica abaixo do valor do benefício. As cinco ficam no Nordeste: Recife (R\$ 598,14), Natal (R\$ 580,74), Salvador (R\$ 576,93), João Pessoa (R\$ 568,21) e Aracaju (R\$ 539,57). MG

Leia mais na pág. A22

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 21